

“A PRAÇA É NOSSA!”

FACES DO PRECONCEITO NUM BAIRRO PAULISTANO

Sidney A. Silva *

Situada entre o cruzamento de duas ruas movimentadas de um bairro tradicional da capital paulista, encontra-se a praça Padre Bento, conhecida, popularmente, como Praça do Pari. Cercada por algumas casas comerciais, bares e pela imponente Igreja de Santo Antonio, esta praça passou a ser o lugar de encontro para muitos imigrantes bolivianos, últimos a chegarem neste bairro, atraídos pelos empregos oferecidos por outros imigrantes, entre eles judeus e coreanos, que os antecederam nas pequenas confecções da cidade.

No início a convivência parecia ser pacífica, já que a ocupação da praça ocorria somente nos domingos à tarde. Entretanto, na medida em que a presença boliviana e de outros imigrantes hispânicos começou a crescer, alguns problemas vieram à tona e os moradores locais, por sua vez, sentiram-se incomodados com estes “invasores” temporários. Este foi o começo de um conflito que culminou na expulsão dos bolivianos da Praça do Pari no ano de 2002, pois no entender dos moradores locais, a praça que estes imigrantes ocuparam “tem dono”, e seus “legítimos” frequentadores resolveram restabelecer a “ordem” e a “tranquilidade” perdidas.

Tal fato caracteriza-se como uma manifestação explícita de preconceito em relação a novos grupos de (i) migrantes que continuam chegando na metrópole

paulistana, em busca da realização de seus sonhos pessoais e familiares, tal como o fizeram outros imigrantes no final do século XIX e início do século XX. Nesse sentido, este artigo propõe-se a tecer algumas considerações sobre os significados destes acontecimentos num país que se diz aberto aos imigrantes, pelo menos do ponto de vista do discurso oficial e do senso comum. Na prática, a história da imigração parece apontar para algumas contradições, que trataremos de explicitar ao longo deste texto.

Pari: um bairro marcado pelas sendas da (i) migração

Situado entre os rios Tietê e Tamanduateí, o bairro do Pari teve a sua história inicial vinculada à atividade da pesca, pois era desses rios que os seus moradores, indígenas, portugueses e mestiços, tiravam o sustento para suas famílias e, ao mesmo tempo, contribuía para dinamizar a economia da então Vila de Piratininga. Para facilitar a pesca, os pescadores colocavam em alguns pontos do rio armadilhas denominadas por eles de “pari”, as quais consistiam numa cerca de taquara ou cipó que eram colocadas de uma margem à outra do rio. Daí advém o nome deste bairro, que, segundo o recenseamento de 1765 tinha cerca de quinze residências e 72 pessoas (Ponciano, 2004:204). Com

a chegada da ferrovia, a partir de 1870, indústrias se instalaram no bairro e, ao longo da mesma, surgiram outros bairros operários, entre eles, Moóca, Barra Funda, Brás, Belém e Belenzinho.

Para facilitar o comércio local, chegou a ser criada uma alfândega entre o Brás e o Pari, uma extensão daquela existente em Santos. Em razão do grande número de trens, em 1891 foi implantado no bairro um dos maiores pátios ferroviários da cidade, denominado de Pátio do Pari.

Oswaldo, morador do Pari há 72 anos, de ascendência portuguesa e italiana, testemunhou algumas mudanças pelas quais passou este bairro durante a sua história. Ele conta que ainda se lembra “de quando andavam vendendo leite de cabra na rua” pois, segundo Oswaldo, um homem tinha cinquenta animais, o qual vendia o leite em copo ou em litro, e era baratinho. Acrescenta ainda que, “na Avenida Valtier passava o bonde que ia até o ponto final de ônibus e depois retornava ao Largo São Bento”.

Em 1914 foi fundada a paróquia Santo Antônio do Pari, a qual foi inaugurada no dia 13 de junho de 1924, dia em que se festeja este santo de origem portuguesa e que viveu na Itália. Desde a sua fundação esta igreja é dirigida pelos frades franciscanos. Com o aumento da presença italiana no vizinho bairro do Brás e no próprio Pari, estes imigrantes começaram a frequentar a praça Padre Bento nos fins de semana, para cantar e dançar.

Com o processo de industrialização, novos personagens entraram em cena, desta vez, os migrantes internos, que além de sua mão-de-obra, contribuíram para uma maior diversificação cultural da capital paulista. Em 1893, São Paulo já apresentava uma grande variedade de sotaques e tradições, uma vez que naquele ano, 54,6% da população paulistana era estrangeira (Hall, 2004: 121). Esta forte presença se manteve até 1950, embora no conjunto da população do estado os migrantes nacionais já ultrapassavam os oriundos de outros países (Durham, 2004: 185).

Assim, a diversidade étnica e cultural da capital paulista é perceptível nos chamados bairros operários, entre eles o Pari, onde, além de italianos, portugueses e espanhóis, temos a presença dos sírio-libaneses, que já eram numerosos na cidade no início dos anos 30, particularmente, nos distritos da Sé e Santa Efigênia (Truzzi, 1997:41). A existência de vários tipos de comércios pertencentes a esses imigrantes, da Liga Juventude Islâmica do Brasil e de uma mesquita voltada para a comunidade muçulmana, atesta a importância da presença deles no bairro.

A partir da década de 1970, temos a chegada dos coreanos, que apoiando-se numa organização interna de auto-ajuda, denominada por eles de *kye*, e na contratação de mão-de-obra clandestina dentro da comunidade, passaram a dominar rapidamente a produção e o comércio de roupas em São Paulo (Shoi, *apud* Silva, 1997: 86). E para suprir a necessidade de mão-de-obra barata nas confecções, a solução estaria nas mãos de outros imigrantes, já que explorar os próprios compatriotas não contribui para consolidar a imagem de imigrantes bem sucedidos diante da opinião pública paulistana. É neste contexto que bolivianos, paraguaios, peruanos, entre outros, começaram a chegar no Pari, Brás e Bom Retiro, atraídos pela propaganda de boas oportunidades no mercado de trabalho paulistano. Porém, o que este mercado tem a lhes oferecer são empregos mal remunerados e sem nenhum direito trabalhista assegurado, como é o caso do setor da confecção (Silva, 1997:126).

Apesar das condições desfavoráveis

enfrentadas por muitos deles, este tipo de inserção subordinada no mercado de trabalho é capaz de propiciar a possibilidade de mobilidade econômica, na medida em que o imigrante for capaz de conjugar o trabalho familiar e a contratação de outros compatriotas para a prestação de serviços. Apoiadas numa rede de aliciamento e contratação de mão-de-obra, grande parte dela indocumentada, as pequenas confecções nascem, muitas vezes, como um empreendimento familiar e, de certa forma, artesanal, para depois se transformar em pequenas e médias empresas, incorporando, inclusive, modernas tecnologias no seu processo de produção.

Nesta perspectiva, o setor da confecção continua alimentando nestes imigrantes o sonho de uma vida melhor, a qual significa passar da condição de costureiros à condição de oficinistas, ainda que para tanto eles tenham que se sujeitar às duras condições de trabalho, as quais são impostas por compatriotas ou por empregadores de outras nacionalidades (Silva, 1999:114). A perseguição deste sonho explica, em parte, a manutenção do fluxo de imigrantes bolivianos para a capital paulistana, particularmente, para bairros tradicionais da cidade, como o Brás, o Pari e o Bom Retiro, vivendo em condições de insalubridade, semelhantes àquelas enfrentadas pelos italianos e outros imigrantes no final do século XIX.

A origem dos conflitos e a exacerbação dos preconceitos

Com o aumento da presença de bolivianos na cidade de São Paulo, atingindo o seu pico no final dos anos 90, a frequência destes imigrantes na Praça do Pari também aumentou, pois segundo estimativas da Pastoral do Migrante existem cerca de 32 mil latino-americanos na região do Brás e Pari. Todos os domingos à tarde e parte da noite, os bolivianos enchem essa praça em busca de um momento de lazer, de alguma informação sobre o país de origem, de uma nova proposta de trabalho, para reencontrar-se com algum compatriota,

paquerar, comprar produtos típicos, degustar comidas regionais ou ainda ouvir músicas bolivianas e latinas. Com o aumento do número de frequentadores, começaram a surgir alguns problemas, entre eles, a violência, em razão do excesso de bebidas, limpeza insuficiente do local, música em alto volume, entre outros. Incomodados com esta presença, moradores do bairro organizaram um abaixo assinado, objetivando a expulsão dos bolivianos daquela praça, isto com a anuência de um líder político local, Adilson Amadeu, e do pároco da Igreja de Santo Antonio. E como se não bastasse, a intolerância tornou-se pública através de uma faixa colocada na praça, com os seguintes dizeres: "A praça é nossa! Exigimos respeito. Estamos aqui há mais de cem anos". Porém, é bom lembrar que os moradores que se crêem os "donos" legítimos da referida praça, com certeza tem alguma ascendência européia, ou seja, seus antepassados vieram de países como Portugal, Itália, Espanha, entre outros e, portanto, também eram estrangeiros na terra que hoje é a sua pátria.

No rescaldo dos fatos, depois de várias tentativas de negociação, envolvendo várias entidades, a Prefeitura concedeu aos bolivianos um novo espaço no mesmo bairro, num local mais isolado, o qual foi denominado por eles de Praça *Kantuta*, nome de uma pequena flor do altiplano tida como símbolo pátrio, porque tem as três cores da bandeira boliviana - o vermelho, o amarelo e o verde. A transferência para a nova praça aconteceu no início de junho de 2002, mês em que se realiza a tradicional quermesse de Santo Antonio naquela praça. Portanto, era necessário "limpar" a área para os festejos.

Para os bolivianos, a transferência foi vista como um ato generoso da Prefeitura Paulistana, a qual prometeu oferecer uma infra-estrutura básica para o seu funcionamento. Entretanto, até a sua regulamentação, efetuada no dia 24 de setembro de 2004, a praça funcionava de forma precária, situação esta que ainda persiste.

Além da feira gastronômica e dos multiserviços lá oferecidos, esta praça passou a ser o palco de manifestações culturais, como as festas de *alasitas* e o

carnaval.

A primeira é celebrada no dia 24 de janeiro, na cidade de La Paz, dia do deus da fartura, uma deidade incaica denominado de *Ekeko*. A origem desta festa remonta à época pré-colombiana e é uma reprodução em miniatura das feiras comerciais da colônia. A sua representação é a de um boneco sorridente vestido com

um *chullo* ou gorro de lã, um chaleco diminuto, sandálias de couro nos pés e um poncho vermelho sobre os ombros. Nas costas ele leva produtos em miniatura e outros objetos fundamentais à vida das pessoas.

Segundo a tradição, neste dia cada pessoa deve comprar as *alasitas*, ou seja, objetos em miniaturas - como casas, carros,

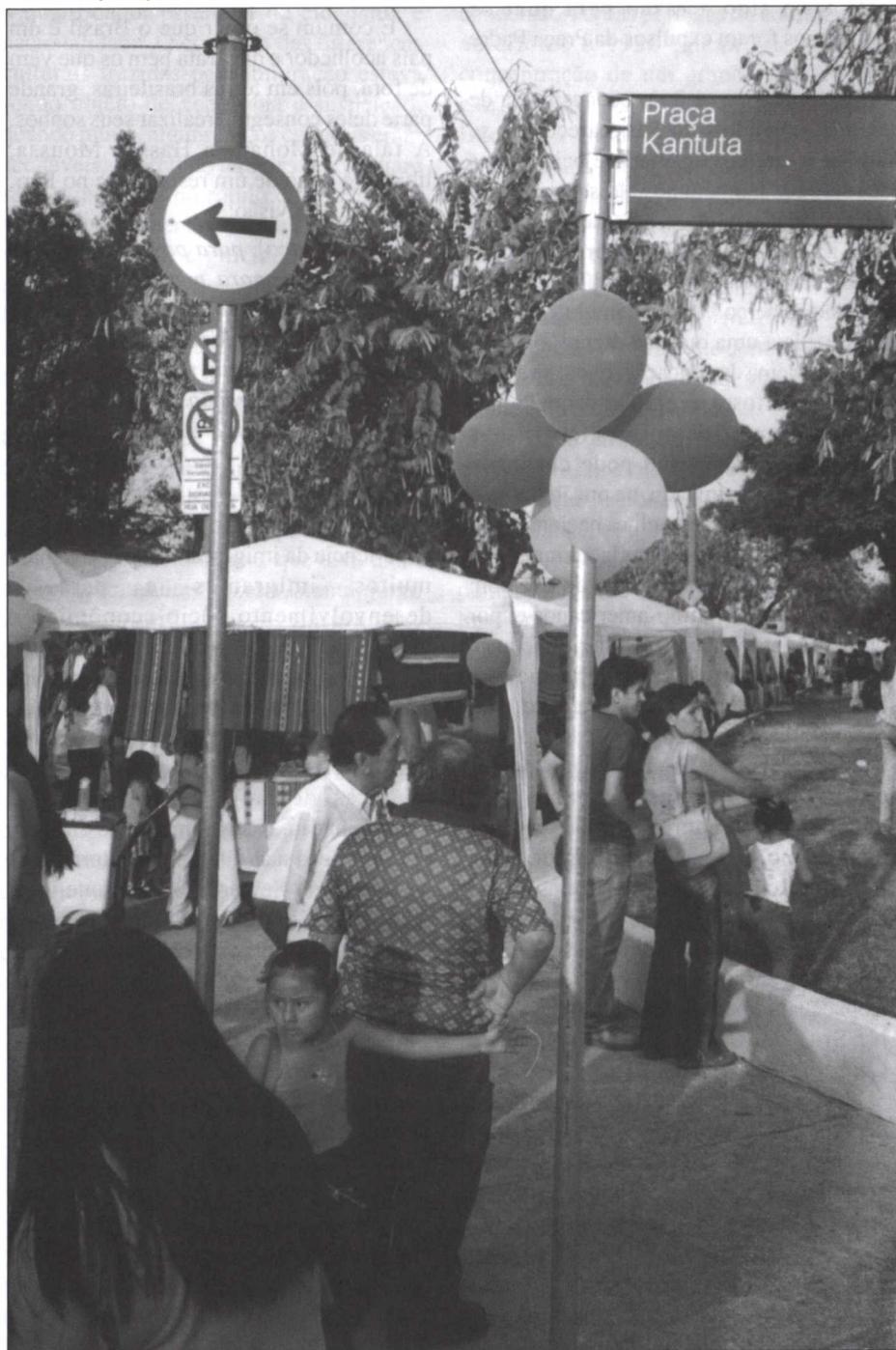
máquinas de costura, dinheiro, entre outros - representando o desejo de vir a possuir estes bens materiais no futuro, levando-os ao meio-dia a uma igreja para serem abençoados por um padre. De igual forma deve-se realizar o ritual da *ch'alla*, uma libação com bebidas alcoólicas oferecida à *Pachamama* por um *Yatiri* (sacerdote andino), para que a Mãe Terra também permita a realização dos desejos de cada um.

Em São Paulo, a primeira edição da festa foi realizada com poucas barracas na Praça do Pari, em 1999. Depois da sua transferência para a Praça Kantuta, em 2002, o festival cresce a cada ano em expressão e em número de participantes, estes de todas as idades e classes sociais. Todos os anos é realizada uma cerimônia de abertura da festa, organizada pela Associação Padre Bento, que é a encarregada de gerir as atividades na referida praça. Dela participam autoridades representativas da comunidade, o padre da pastoral dos migrantes e outros convidados. Depois de algumas palavras de abertura do presidente da Associação Gastronômica Padre Bento é tocado o hino nacional boliviano, cantado com emoção pelos bolivianos (as) presentes.

Concluída a cerimônia de abertura, o festival continua com a entrada do *Ekeko* em pessoa, representado nos últimos anos pelo Dr. Rolando Panoso Terán, presidente da Sociedade Folclórica Boliviana, o qual é acompanhado por um grupo de dançarinos que apresenta a "dança do *Ekeko*". A expectativa na praça é grande, pois todos querem tocar o *Ekeko* com suas *alasitas* na mão ou simplesmente pegar notas de dinheiro distribuídas por ele, pois, nesse momento, dramatização e mito se fundem numa única festa, permeados pelo mágico-religioso. Dando continuidade à festa, o próprio grupo folclórico apresenta algumas danças típicas, entre elas a *morenada*, a *diablada*, os *caporales* entre outras, tudo em homenagem à deidade que personifica a abundância.

O carnaval é outra festa realizada anualmente na Praça Kantuta, onde no domingo de carnaval acontece uma "entrada" com vários grupos folclóricos, que apresentam danças típicas da Bolívia, como *chutas*, *morenada*, *caporales*, *tinkus*,

Foto: Sidney A. Sylva



diablada, entre outras. A cada ano novos grupos vão se integrando à festa, como é o caso de *los Terribles Quirkinchos* (tatus), formado por um grupo de orurenhos residentes em São Paulo para o carnaval de 2005. Outra especificidade deste carnaval é a participação das crianças, as quais tomam parte num concurso de fantasias. Entre os jovens e adultos, a grande sensação é a tradicional brincadeira de jogar espuma e globos cheios de água nos que passam pelo local, prática já pouco constatada no carnaval brasileiro.

Na terça de carnaval acontece a *ch'alla* da casa e dos instrumentos de trabalho, entre eles as máquinas de costura, pedindo à *Pachamama* saúde, trabalho e prosperidade. Entretanto, este ritual não se restringe ao ambiente privado da casa, mas é realizado também na Praça Kantuta, onde os bolivianos procuram um pedaço de terra para ali fazerem as suas oferendas e pedidos à Mãe Terra, dizendo: "*Pachamama*, Terra Santa, esta Terra me criou, esta Terra me come".

Além disso, temos a despedida do carnaval no primeiro domingo da quaresma, chamado de domingo de *Tentación*, uma alusão às tentações sofridas por Cristo no deserto.

Apesar de todo esforço de organização da Associação Gastronômica Padre Bento, a feira dominical boliviana enfrenta uma situação paradoxal: se por um lado, ela contribui para reforçar as identidades dos bolivianos em São Paulo, por outro, ela propicia também a exacerbação de preconceitos, os quais acabam sendo extensivos a todo o grupo na cidade. Os motivos para tanto são explicitados por Elisabeth, moradora do Pari há quarenta anos, segundo a qual o bairro era "uma beleza, uma maravilha. Agora está um lixo". Na sua opinião esta deterioração se deve à presença dos migrantes internos que são acolhidos nos albergues municipais existentes no bairro e pela presença da feira boliviana. Esta visão preconceituosa é compartilhada por Wagner, morador do bairro há dez anos e neto de portugueses, segundo o qual o incômodo é resultante do não respeito da parte dos bolivianos das regras da boa convivência, como, por exemplo, passar em frente da casa de alguém e jogar uma fralda suja da criança,

ou ainda estacionar em local de guia rebaixada. Isto o leva a concluir que "eles não têm educação" e, portanto, são um povo que "não tem cultura". Para ele a solução para o problema seria colocá-los num lugar à parte e fechado, "onde não incomodassem ninguém". Outro morador argumenta que os bolivianos "são muito trabalhadores", porém deixam a desejar no que se refere à limpeza, pois, segundo ele, esta teria sido a razão pela qual os bolivianos foram expulsos da Praça Padre Bento.

Entretanto, a visão preconceituosa de alguns moradores do Pari parece não se limitar à circunscrição desse bairro, mas se reproduz também nos altos escalões da administração pública, pois, segundo uma funcionária do governo brasileiro, o problema da higiene na Bolívia "é uma questão de berço". Nesse sentido, a cultura é reduzida a uma questão menor, ou seja, num problema de educação, como se a falta de assepsia fosse exclusiva daquele país ou de grupos de migrantes menos favorecidos. Tal visão pode encontrar explicação, por um lado, na opção política e econômica feita pelas elites nacionais que sempre preferiram estreitar laços mais com os Estados Unidos e Europa, do que com os seus vizinhos latino-americanos e, por outro, no desconhecimento da rica herança cultural reproduzida pelos bolivianos em São Paulo, seja na anterior praça do Pari, seja na atual praça *Kantuta*. Além desses "pedaços" bolivianos na cidade, temos outros importantes espaços de manifestações culturais apropriados por eles, como é o caso do Memorial da América Latina, por ocasião das festas pátrias, e da igreja N. Sra. da Paz, onde no mês de agosto são celebradas as suas festas devotas, entre elas a de N. Sra. de Copacabana, padroeira da Bolívia e a de N. Sra. de Urkupiña, padroeira de Cochabamba (Silva, 2003).

Contudo, o preconceito transforma o desconhecido em algo a ser evitado e rejeitado de antemão, porque tudo o que é estranho aos padrões culturais vigentes, apresenta-se como ameaçador e, até mesmo, como diabólico. A seguir, explicitaremos as razões pelas quais visões etnocêntricas foram sendo construídas ao longo da história da imigração brasileira e

que, por sua vez, se manifestam na atual conjuntura, seja nas atitudes pouco receptivas de alguns Agentes da Polícia Federal, seja nos estranhamentos manifestos no cotidiano do bairro em foco.

A imigração e suas apropriações na construção da brasilidade

É comum se ouvir que o Brasil é um país acolhedor e que trata bem os que vêm de fora, pois em terras brasileiras, grande parte deles conseguiu realizar seus sonhos. A fala de Mohaman Hassan Moussa, libanês e dono de um restaurante no Pari, confirma esta visão:

"Lá (Libano), para passear, para ver a família; aqui agora, meu trabalho, onde eu ganho o meu pão, onde nasceram os meus filhos e estudaram. Eu tenho três filhos, graças a Deus formados. O mais velho fez administração de empresa, o do meio é fisioterapeuta e a minha filha, a caçula, é jornalista. Graças a Deus a gente está aqui no Brasil."

Se, por um lado, é verdade que a experiência da imigração foi positiva para muitos imigrantes e para o desenvolvimento sócio-econômico e cultural do país, por outro, não se pode negar as dificuldades enfrentadas pelos ádvenas, tanto do passado quanto do presente. Entre elas vale destacar a exploração de sua mão-de-obra nas lavouras de café, o isolamento, a discriminação, o cerceamento de direitos, a negação das suas diferenças culturais, etc, pois segundo Seyferth, o imigrante ideal para o Brasil era o "lavrador e artesão, desde que morigerado, resignado, sóbrio, trabalhador e submisso às autoridades" (Seyferth, 2004: 23).

Na verdade, segundo a mesma autora, o país sempre esteve aberto à imigração, mesmo a partir de 1934, quando se estabeleceu cotas, desde que os imigrantes fossem "brancos", pois o que estava em jogo era a própria constituição étnica da nação brasileira, a qual deveria ser branca e afiliada a uma herança cultural lusitana (Neiva, apud: Seyferth, 2004: 30). A partir desta perspectiva assimilacionista não havia espaço para a manifestação das

diferenças culturais e, como tal, deveriam ser anuladas, pois elas representavam um perigo à unidade nacional. A campanha de nacionalização, iniciada em 1937, é o resultado da política nacionalista do Governo Vargas, cujos desdobramentos são a proibição do uso de línguas estrangeiras nas escolas étnicas, bem como a intervenção nas associações comunitárias, gerando, assim, um clima de desconfiança que acabaria por denunciar aqueles que insistissem em usar a língua materna (Seyferth, 2004:31).

Com a mudança do cenário político brasileiro, a partir dos anos 60, o estrangeiro passa a ser uma possível ameaça à segurança nacional e, portanto, era preciso precaver-se deste perigo externo e, ao mesmo tempo, proteger o trabalhador nacional da concorrência com a mão-de-obra estrangeira. Neste contexto, surge em 1980 o Estatuto do Estrangeiro, inspirado por uma preocupação policialesca e nacionalista, que na verdade visava dificultar a entrada no Brasil de imigrantes pobres e pouco qualificados, advindos, em grande parte, de países latino-americanos e africanos. Entretanto, como nem sempre as legislações estão em sintonia com a dinâmica migratória, a qual, em geral, é estimulada por interesses econômicos, criou-se no país a figura do imigrante indocumentado, vulnerável a toda e qualquer forma de exploração e extorsão, seja de parte de patrões inescrupulosos, seja dos grupos organizados em tráfico humano, e não raras vezes, de pessoas envolvidas com a venda de documentos falsificados.

Além do cerceamento de direitos, que impede o exercício da sua cidadania, os imigrantes mais pobres estão sujeitos a outras formas de discriminações, oriundas, em geral, da sua condição social, étnica e cultural, pois no caso dos bolivianos, a associação entre pobreza, origem étnica, ou seja, indígena, e falta de cultura é automática, particularmente entre brasileiros que desconhecem as dificuldades enfrentadas por estes imigrantes em São Paulo, bem como a sua contribuição econômica e cultural para a cidade.

Se o Brasil é um país que sempre esteve aberto aos estrangeiros, onde estariam

então as razões para se discriminar novos imigrantes que continuam chegando em São Paulo, inclusive por pessoas cujos antepassados também foram imigrantes e enfrentaram discriminações, como é o caso dos italianos? Um verso de 1927, publicado por Antônio de Alcântara Machado em “Brás, Bexiga e Barra Funda”, mostra como eles eram vistos pelos brasileiros:

*Carcamano pé-de-chumbo
Calcanhar de frigideira
Quem te deu a confiança
De casar com brasileira?*

Além destes preconceitos, estes imigrantes enfrentaram hostilidades em razão de suas opções políticas, ou seja, foram acusados de estarem disseminando idéias socialistas e anarquistas entre os operários brasileiros (Hall, 2004: 125).

Em primeiro lugar, como afirma João Baptista Borges Pereira, é preciso ter presente que, “(...) a história da humanidade parece ser a seqüência contínua da construção e quebra do etnocentrismo: os povos fecham-se e abrem-se aos *diferentes* sob a ação de múltiplos fatores sociais, culturais, políticos, econômicos, etc. (Borges Pereira, 1996:19). (grifo do autor). Em segundo lugar, o fenômeno da emigração recolocou o Brasil no circuito das migrações internacionais, obrigando o governo brasileiro a tomar uma série de medidas para acompanhar os seus emigrados nos mais diferentes contextos, ainda que tais medidas estejam mais relacionadas às remessas de dólares feitas pelos brasileiros, do que propriamente voltadas a uma política de emigração. Nesse sentido, a preocupação com a forma de como os brasileiros são tratados lá fora, obriga-nos a avaliar também como tratamos os “outros” por aqui.

No caso que estamos focando, dois fatores parecem ser preponderantes na construção de preconceitos. O primeiro deles é de ordem étnico-cultural, pois para muitos brasileiros a experiência da imigração que ficou, é aquela que está ancorada num imaginário de que o imigrante “bom” é aquele que veio da Europa para “desbravar” as terras brasileiras, e graças à sua “cultura superior”, ascendeu socialmente e, ao

mesmo tempo, contribuiu para “branquear” a nação brasileira.

Tal visão é explicitada através da fala do Sr. Osvaldo, morador antigo do Pari, o qual relata a história da imigração no referido bairro, a partir dos referenciais acima citados. Diz ele:

“Aqui era só a colonização italiana. Português era mais na Vila Maria. E uma outra raça, alemão, pouquíssimo. Mas o forte era mesmo italiano, espanhol... Depois começou chegar japonês, mas eles não gostavam da cidade, paravam aqui e iam para o interior, gostavam de lavoura, café... Agora eles não gostam mais de lavoura pesada, gostam de miudeza, pimentão, pepino..., isto dá mais lucro para eles. Mas é uma raça trabalhadora. Depois vieram os lituanos, poloneses... Depois começou a vir a migração do Norte, isso depois que Juscelino montou aqui as montadoras de automóveis, e aí começou a vir gente de tudo quanto é lado. E agora, ultimamente, só gente que não presta, boliviano vem com cinco, seis filhos, tudo jogado aí, arruma filho para não poder ser mais mandado embora. Aqui para baixo está tudo infestado de Bolivianos.”

E acrescenta:

“Muçulmano aqui é muito pouco, o muçulmano já é outra cultura, não se pode comparar a cultura do muçulmano com a do boliviano, do paraguaio... Por que a Espanha é hoje umas das grandes potências do Mundo? Porque a colonização foi muito boa. Os árabes ficaram lá setecentos anos. Já na Itália foi o contrário, foram os fenícios. Antigamente o comércio era dominado pelos sírio-libaneses, aqueles que andavam com as coisas no ombro, vendendo colchas. Em resumo, com a minha experiência de trinta e seis anos viajando, o Sul eu achei que é outra cultura. O sul do Paraná é outra cultura, o Norte não, tem muito aventureiro. Santa Catarina e o Rio Grande do Sul, parece que você está em outro país.”

A partir desta leitura preconceituosa da (i) migração, a origem étnica e a cultura passam a ser os referenciais determinantes do sucesso ou do fracasso na história dos imigrantes. Na verdade, é preciso ter

presente um segundo fator explicativo para o suposto sucesso dos imigrantes que chegaram antes dos bolivianos, ou seja, a conjuntura econômica, a qual era favorável a quem escolhesse São Paulo para trabalhar e viver. Hoje temos exatamente o inverso, inclusive, os imigrantes são acusados pelos trabalhadores locais de “roubarem” os poucos empregos disponíveis no disputado mercado de trabalho paulistano, os quais supostamente seriam destinados aos nacionais.

Tal visão foi explicitada pelo prefeito José Serra no dia da sua posse, pois segundo ele, também filho de imigrantes, São Paulo era “a terra das oportunidades para quem vinha de fora, para migrantes da Europa e da Ásia, para migrantes de todas as regiões do Brasil”. Entretanto, reconhece o próprio prefeito que, “é possível que São Paulo não venha a ser de novo uma terra de oportunidades para grandes correntes migratórias. Mas certamente pode voltar a sê-lo para seus moradores”. Isto significa que os moradores desta cidade devem ser tratados como cidadãos, sejam eles (i) migrantes ou não. Nesta perspectiva, toda e qualquer forma de preconceito deve ser combatida, inclusive aquela que, segundo Odylo Costa Filho, é a pior de todas no Brasil: a “de se negar o preconceito” (Costa Filho, 1960:01).

Talvez o problema maior esteja na cabeça daqueles que sempre apresentaram uma imagem distorcida de um país que não é branco, mas que sempre se esforçou para sê-lo. Daí a valorização da imigração européia e asiática e os estranhamentos em relação a tudo o que vem da periferia desta América indígena e negra, o que parece nos acompanhar desde os tempos coloniais. Por isso não causa nenhuma estranheza o fato de que moradores contíguos a algumas praças da cidade se sintam incomodados com o som da flauta andina, tal como se sentiam incomodados os moradores da Casa Grande com os sons advindos dos atabaques tocados nas Senzalas. Isto revela que, “fracassada a experiência romântica do início do século XIX, que tentou impor uma imagem branca para esse país mestiço” (Schwarcz, 1994: 22), a forma de tratar a diferença mudou pouco entre aqueles que ainda insistem em

pautar as relações sociais no Brasil, a partir dos privilégios de classe e de classificações raciais. Tal postura contrapõe-se à proposta de uma sociedade multicultural e multiétnica, a qual implica no respeito ao direito à diferença em condições de igualdade, superando os racismos e etnocentrismos (Seyferth, 2004:16).

Resgatar a contribuição das matrizes formadoras de nossa cultura, a indígena, a européia e a africana, é a condição precípua para se iniciar a desconstrução de preconceitos que ainda persistem entre nós, exatamente por desconhecermos o processo de *mestiçagem cultural e biológica*, ensejado pelo processo de colonização. Tal processo engendrou uma dinâmica peculiar à cultura brasileira, conferindo a algumas práticas culturais, dentre elas as festas devotas ou “profanas”, um poderoso elemento de aglutinação e demarcação da identidade nacional. Isto porque as festas, como uma linguagem polissêmica, são capazes de incorporar o diferente e re-significá-lo, a partir de novos parâmetros. Num contexto de migração e discriminação, como o vivenciado pelos bolivianos, as festas devotas passaram a ser um importante espaço de reafirmação de identidades e, ao mesmo tempo, de diálogo com o novo contexto cultural em que estão inseridos (Silva, 2003:186).

É por isso que não é difícil ver traços culturais comuns das matrizes formadoras entre as culturas latino-americanas, como é o caso da africana, seja nas *Diabladas*, *Morenadas*, e *Caporales* bolivianos, ou nos *Maracatus*, *Bumba-meu-boi* e *Moçambique* brasileiros, só para citar alguns exemplos. Procurar entender os processos de re-apropriação e re-significação de elementos culturais realizados pelos negros e mestiços no Brasil, e pelos indígenas e *cholos* da América Hispana, é o primeiro passo para que o diálogo entre as culturas abra um caminho de aproximação e intercâmbio entre brasileiros e bolivianos, capaz de vencer os preconceitos e etnocentrismos que tanto nos aviltam e empobrecem.

* Sidney A. Silva é Antropólogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA MACHADO, Antônio de

(2004) *Brás, Bexiga e Barra Funda/Laranja da China*. São Paulo, Ed. Martin Claret.

BORGES PEREIRA, João B.

(1996) “O retorno do racismo” In: *Raça e Diversidade*. SCHWARCZ, Lília Moritz e QUEIROZ, Renato da Silva (orgs). São Paulo, Edusp, pp. 17-27.

COSTA FILHO, Odylo

(1960) “Pequenas histórias do preconceito de cor numa terra onde ele há”. In: *Revista Senhor*, Rio de Janeiro, nº 3, março.

DURHAM, Eunice

(2004) *A Dinâmica da Cultura: ensaios de antropologia*. São Paulo, Cosac Naify.

HALL, Stuart

(2003) *Da diáspora. Identidades e mediações*. Belo Horizonte, Ed. UFMG.

HALL, Michael

(2004) “Imigrantes na cidade de São Paulo” In: *História da Cidade de São Paulo. A cidade na primeira metade do séc. XX*. PORTA, Paula (org.). São Paulo, Paz e Terra, pp.121-151.

NOGUEIRA, Oracy

(1979) *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo, T. A. Queiroz.

PONCIANO, Levino

(2004) *São Paulo: 450 bairros, 450 anos*. São Paulo, Ed. Senac São Paulo.

SEYFERTH, Giralda

(2004) *Imigração e Diferenciação cultural: a problemática dos conceitos de etnicidade, raça e multiculturalismo*. Encontro anual da ANPOCS, Caxambu.

SCHWARCZ, Lília K. M.

(1994) “Diálogos nada Arbitrários” In: *Os Herdeiros da Noite: fragmentos do imaginário negro – Palmares 300 anos/ textos de Emanuel Araújo e outros*. Pinacoteca do Estado, pp. 21-22.

SILVA, Sidney A.

(1997) *Costurando Sonhos. Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo, Paulinas.

SILVA, Sidney A.

(1999) “Estigma e mobilidade: o imigrante boliviano nas confecções de São Paulo”. In: *Revista Brasileira de Estudos de População*, v.16 nº 1/2 – Jan-dez., pp. 111-119.

SILVA, Sidney A.

(2003) *Virgem/Mãe/Terra. Festas e Tradições bolivianas na metrópole*. São Paulo, Hucitec/FAPESP.

TRUZZI, Oswaldo M.S.

(1997) *Patrícios. Sírios e Libaneses em São Paulo*. São Paulo, Hucitec.